



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Crianças e tecnologia na contemporaneidade: do inacabamento à experiência

Nélia Mara Rezende Macedo¹

Resumen:

O presente texto problematiza a experiência contemporânea de ser criança a partir do entrelaçamento de três temas relevantes na obra de Walter Benjamin: a infância como alegoria para pensar a cultura; a sua crítica à historiografia oficial; e o conceito de experiência. Entendendo, também com Benjamin, que transformações técnicas estão imbricadas no âmbito da cultura, problematiza-se o quanto a tecnologia vem fundando novas e diferenciadas maneiras de se relacionar com as coisas e com as pessoas, reconfigurando noções de tempo e espaço e alterando as maneiras de ser e estar no mundo.

Reconhecendo que a criança ocupa hoje lugar de destaque frente aos usos de aparatos tecnológicos e as possibilidades que eles oferecem, cabe discutir: em que medida se alteram as relações entre crianças e adultos num contexto em que a noção de experiência vincula-se ao domínio da tecnologia? Sob essa lógica, a autonomia da criança confere ao seu inacabamento a possibilidade de libertação da lógica adultocêntrica e ressignificação de uma história linear? Como pensar as noções de categorias etárias a partir de uma re-arrumação das categorias temporais tendo os desvios da infância como a origem de uma nova ordem?

¹ Doutoranda e Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil) Professora do Colégio Pedro II (Rio de Janeiro, Brasil), nmara@terra.com.br



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Crianças e tecnologia na contemporaneidade: do inacabamento à experiência

Pensar e escrever sobre a infância contemporânea tem se oferecido como um grande desafio diante das mudanças significativas dos modos de ser criança sentidas nas últimas décadas. Especulações em torno de uma suposta crise que culmina com o fim da infância, a decadência dos modelos de escola e família, a cidadania da criança acompanhada de sua valorização comercial como consumidora são fatores que, permeados pela forte e massiva presença da mídia na vida cotidiana, evidenciam que qualquer análise sobre a infância deve levar em conta a enorme diversidade de aspectos sociais, culturais e políticos que caracterizam a(s) infância(s) brasileira(s).

Reconhecida como categoria social e histórica, a infância tem sido amplamente estudada a partir de suas implicações no contexto de uma sociedade que testemunha rápidas e profundas transformações culturais. Nesse sentido, a relação das crianças com as novas tecnologias digitais revela como a sociedade vem sendo reconfigurada e ressignificada no contexto da cibercultura.

No bojo dessas transformações, fundam-se novos modos de existência, novas relações com o tempo e o espaço; modificam-se as maneiras de ensinar e aprender; alteram-se as formas de produzir e consumir informação. Neste contexto, as crianças tendem a ser vistas como possuidoras de qualidades naturais para se apropriar dos artefatos tecnológicos a que têm ou terão acesso. Essa relação de intimidade com a tecnologia sustenta debates polarizados: por um lado, os entusiastas exaltam o protagonismo infantil que se inaugura com o domínio das crianças sobre as mídias digitais; por outro, essa relação é vista como negativa e perigosa para as crianças.

As duas perspectivas opostas que argumentam contra ou a favor da relação entre as crianças e as tecnologias mostram-se insuficientes, deterministas e essencialistas em relação às concepções de infância e de tecnologia. É importante lembrar que não cabe podermos examinar as mídias (neste caso a internet) de forma isolada, atribuindo-lhes a causa do abalo à racionalidade, à moralidade ou apontando-as como razão de influências negativas sobre as crianças e prejuízo à sua vida social. Por outro lado, não cabe confiar ingenuamente que a tecnologia vai naturalmente liberar a espontaneidade e a imaginação inata das crianças.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Considerando toda a diversidade (e adversidades) e o caráter histórico da produção da infância enquanto conceito, este texto problematiza a experiência contemporânea de ser criança a partir do entrelaçamento de três temas relevantes na obra do filósofo alemão Walter Benjamin: a infância como alegoria para pensar a cultura; a sua crítica à historiografia oficial; e o conceito de experiência. Reconhecendo que a criança ocupa hoje lugar de destaque frente aos usos de aparatos tecnológicos, problematiza-se o quanto a tecnologia vem fundando novas e diferenciadas maneiras de se relacionar com as pessoas, reconfigurando noções de tempo e espaço e alterando as formas de ser e estar no mundo.

Para iniciar esta reflexão, é interessante recorrer aos estudos de Benjamin (1994) acerca de como as transformações técnicas estão imbricadas no âmbito da cultura. Circunscrito a um contexto histórico em que testemunhou o surgimento de inovações técnicas na produção do cinema, que acarretaram, na época, em novas formas de recepção e percepção do mundo, Benjamin analisa como que a reprodutibilidade técnica, ao mesmo tempo em que fomentou a politização da arte, permitindo o acesso às obras, inaugurou a dimensão da visibilidade como critério valorativo que contribuiu, simultaneamente, para a despolitização da arte e estetização da política.

Embora Benjamin (1994) tenha assumido uma postura otimista no que diz respeito à possibilidade de democratização da cultura e das artes através da reprodução que permitiria o acesso a criações que poucos poderiam conhecer e fruir, esse movimento de democratização trouxe, como uma de suas maiores conseqüências, a massificação, a banalização da expressão artística e intelectual e a vulgarização das artes e dos conhecimentos. *Como pensar a ampliação do acesso à cultura com o advento da internet? A infinidade de possibilidades às quais se pode ter acesso contrasta com a limitação e repetição observadas nos acessos das crianças à internet?*

Infância e Tecnologia

A internet inaugurou maneiras novas e diferenciadas de se relacionar com as coisas e com as pessoas, reconfigurando as noções de tempo e espaço e alterando as experiências de ser e estar no mundo. Não é preciso estar na mesma hora, nem no mesmo lugar para se comunicar. Imersas neste contexto antes mesmo de nascer, as crianças ocupam lugar de destaque em relação aos adultos frente à tecnologia e as



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

possibilidades que oferece. Elas exploram aparelhos, apertam teclas sem receios, são verdadeiras tradutoras da linguagem tecnológica para os adultos, ocupando lugar de destaque na cultura contemporânea.

Assim, a revolução tecnológica que testemunhamos vem fundando uma época em que a noção de experiência vincula-se ao domínio do aparato técnico. Neste contexto, a criança deixa de ser definida pelo que *não sabe* ou *não tem*, passando a ser quem ensina, domina e interage intimamente com a máquina explorando aparelhos e apertando teclas sem receios. As crianças passaram a ocupar lugar de destaque na cultura contemporânea, sendo verdadeiras tradutoras da linguagem tecnológica para os adultos. Com isto, mais do que um desconforto entre as gerações, é deflagrada a configuração de um novo contexto de produção e construção de conhecimento.

Alegoricamente, Benjamin (1987) oferece uma dimensão filosófica da experiência de infância ao abrir caminhos para pensar que, na sua suposta fragilidade, a criança desmitifica o óbvio apontando para o adulto aquilo que ele já não consegue enxergar. Sob a lógica da subversão da ordem, do desvelamento das contradições pelo olhar infantil, é a mesma inabilidade, que desde o projeto moderno de sociedade aprisiona a criança no curso fatal de posições pré-estabelecidas, finais e hierarquizadas, que se apresenta como uma aposta para o conhecimento transgressor que desnaturaliza os modelos hegemônicos do saber.

A criança é capaz de desencantar o mundo da razão trazendo à tona a crítica do progresso e da temporalidade linear concebidas no iluminismo. Gagnebin (1997) lembra que ao recuperar a experiência crítica da infância,

Benjamin não ressalta a ingenuidade ou inocência infantis, mas, sim, a inabilidade, a desorientação e a falta de desenvoltura em oposição à “segurança” dos adultos. Mas essa incapacidade infantil é preciosa: não porque ela nos permite lançar um olhar retrospectivo comovido e cheio de benevolência sobre os coitadinhos que fomos, ou que nos cercam hoje. Mas porque contém a experiência preciosa e essencial ao homem do seu desajustamento em relação ao mundo, da sua insegurança primeira, enfim, da sua não-soberania. Essa franqueza infantil também aponta para verdades que os adultos não querem mais ouvir (...) a incapacidade infantil de entender direito certas palavras, ou de manusear direito certos objetos também recorda que, fundamentalmente, nem os objetos nem as palavras estão aí somente à disposição para nos obedecer, mas que nos escapam, nos questionam, podem ser outra coisa que nossos instrumentos dóceis (p.182).



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Embora as abordagens benjaminianas de infância levem alguns autores a caracterizá-las como autobiográficas, e, portanto, carregadas de sua subjetividade, é possível identificar em várias passagens de sua obra o resgate da dimensão social quando fala da própria infância. Gagnebin (1994) e Kramer (2001) acreditam que se trata de uma proposta metodológica ao mesmo tempo política e filosófico-pedagógica. Ao falar de si, Benjamin fala do mundo, como a criança, que sob a ótica infantil, fala também do mundo adulto e vira a vida pelo avesso.

CAÇANDO BORBOLETAS. Salvo viagens ocasionais no verão, instalávamo-nos anualmente, antes de eu ir para a escola, em casas de veraneio... o ar no qual se movimentava então aquela borboleta está hoje impregnado por uma palavra que, há dezenas de anos, nunca mais ouviu nem pronunciei. Ela conservou o insondável com que as palavras da infância fazem frente aos adultos. O longo estado de silêncio as transfigurou (...). (Benjamin, 1987, p. 80-82)

A incompletude como invenção do possível (Gagnebin, 1997) e o inacabamento como esperança traduzem as possibilidades de libertar a criança da lógica adultocêntrica e ressignificar a História e a própria história. Sendo assim, os conceitos de infância e história podem ser ressignificados, um em relação ao outro. Esse “entrelaçamento” de conceitos é possível a partir da filosofia de Walter Benjamin, que ao formular teses sobre o conceito de história e tecer uma crítica à ideologia do progresso, convida a pensar em outras formas de “re-arrumar” as categorias temporais tendo os desvios da infância como a origem de uma nova ordem.

Infância e História

Construída socialmente a partir do que ainda *não é, não faz e não sabe*, a idéia de criança ainda está arraigada a uma visão adultocêntrica e a uma lógica desenvolvimentista onde passado, presente e futuro se apresentam num processo linear. Pereira e Jobim e Souza (2001, p.30-32) analisam que a idéia de vida partida – infância, fase adulta e velhice onde se espera, de cada fase, um determinado comportamento – pode representar um desdobramento dialético de uma história tratada como um *continuum*, com épocas cristalizadas e desconectadas das demais, como se o tempo fosse vazio e homogêneo. A previsibilidade do tempo, da história e da vida, características do ideário moderno, constituem, ainda, a base do nosso entendimento na



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

relação que estabelecemos com o tempo, com a nossa própria história e de como agimos nela.

Na obra de Walter Benjamin, a infância não está circunscrita a apenas uma etapa da vida, mas traduz-se num conceito de dimensões políticas e filosóficas. A suposta inabilidade infantil e o seu não-saber, propriedades que contribuíram para que a criança fosse separada do adulto, se olhadas do avesso benjaminiano, oferecem outras possibilidades de compreensão da infância quando pensada a partir do domínio frente a aparatos tecnológicos. O olhar infantil aponta para verdades que o adulto jamais conseguiria ver, pois a criança, do seu campo de percepção, é capaz de ressignificar o mundo e libertar palavras e objetos de significados aprisionados pela cristalização do olhar adulto. As crianças produzem cultura e são produzidas na cultura em que se inserem desde que nasceram.

Sob essa premissa, é importante destacar que a condição de devir que marca a infância não é exclusividade da criança, mas perpassa o entendimento de que todo ser humano é inacabado, um *vir-a-ser*. Assim, da mesma forma como a fase adulta não representa a idéia de fim e de acabamento, a criança não representa o ponto zero, enfatizando o rompimento com uma postura evolucionista também propõe uma crítica à concepção da vida humana em uma linha reta entre o nascimento e a morte. Para esse entendimento, é necessário aprofundar-se em alguns conceitos de Benjamin (1994), como origem e ruína, além de sua crítica ao historicismo e da defesa do materialismo histórico.

Desde a revolução industrial e advento do capitalismo monopolista, consolidou-se o conceito de história como o encadeamento de períodos de tempo, etapas sucessivas organizadas numa lógica de causalidade entre presente, passado e futuro. Essa lógica alimentava a fé no progresso e servia como ideologia política para a subordinação servil, onde a necessidade de luta era substituída pela observância da evolução. Assim como outros autores da Escola de Frankfurt que rejeitam um conceito de história submetido a rumo determinando e criticam a razão controladora, Benjamin (1994) acreditava numa dimensão restauradora da história a partir da sua descontinuidade, do entrecruzamento de diferentes temporalidades. O passado não justifica o presente, mas deve ser trazido para o “agora” para buscar a construção de uma outra história, apontando para aquilo que poderia ter sido. Essa rerepresentação do presente em novas bases o coloca em xeque à medida em que representa o inacabamento do passado. Em



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

linhas gerais, para Benjamin (1994), é preciso acordar o passado, colocar o presente em xeque e ter saudades de um futuro que não aconteceu.

É possível dizer que a historiografia benjaminiana é salvadora de um passado esquecido. Mas vale refletir como as pessoas lidam com essas categorias de tempo atualmente. Numa espécie de “balanço” entre *o novo* e *o velho*, Konder (1995) alerta que o passado está cada vez mais esquecido e ameaçado. As pessoas não mais se implicam ou se revoltam com o que já passou porque simplesmente não estão interessadas no passado. A preocupação incessante com o presente e com a construção do futuro faz com que todos se concentrem no novo, apenas, sem se dar conta de que o novo só chega quando se olha para o velho.

Num contexto onde o novo já nasce obsoleto e a cultura juvenil assume o caráter de cultura universal (Sarlo, 1997, p.30-39), questões como o apressamento para se alcançar a razão, idéias de previsibilidade e de tempo linear podem ser redefinidas. O mito atual da eterna juventude dissolve o sentido moderno de infância como idade de espera. A infância não é algo a ser ultrapassado, mas representa a origem que aponta para o novo. Benjamin (1994) reafirma esse sentido ao entender a criança como alguém que consegue trazer do passado algo a ser resgatado para contar uma nova história. Para ele, a origem é um salto da história; ela combina, simultaneamente, inacabamento e restauração, ou seja, examina no passado aquilo que incomoda no presente para se abrir ao futuro. Assim, do mesmo modo que origem não é gênese, a ruína não é o fim, mas também se apresenta como um *vir-a-ser* e que permanece em construção.

Esses conceitos ajudam a ressignificar as noções de categorias etárias, principalmente quando são pensadas a infância e a velhice. Crianças e idosos sempre estiveram à margem de uma sociedade capitalista, urbano-industrial e com o foco na produção. No entanto, as últimas décadas presenciam um deslocamento dessa produção para a esfera do consumo, o que eleva a criança a assumir o protagonismo no mercado, na produção cultural e na mídia. Categorias etárias se apresentam como categorias sociais, históricas e culturais. Dissolve-se a noção de infância como idade de espera, pois a pós-modernidade a temporalidade é marcada pelo instante, pelo prazer e pelo efêmero.

Neste mesmo cenário em que a criança parece deixar de ser *inf-ans* (que não fala) para adquirir voz, vive-se um duplo movimento de infantilização de jovens e adultos que empurram cada vez mais para frente o momento da maturidade e de



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

adultização das crianças que joga para trás a curta etapa da infância em nome de uma pressa para chegar onde ninguém sabe.

Benjamin (1994, p.226) utiliza uma obra de arte, “Ângelus Novus”, de Paul Klee, para simbolizar sua crítica à história. Trata-se de um anjo com os olhos escancarados, a boca dilatada, as asas abertas e o rosto dirigido para o passado. Ele volta-se para o que passou porque enxerga nos acontecimentos um acúmulo de ruínas, com o desejo de juntar os fragmentos para contar uma nova história. No entanto, a tempestade do progresso o impede de fechar suas asas e o empurra para o futuro, enquanto as ruínas crescem.

É possível pensar a infância como o anjo da história. As crianças são cada vez mais empurradas para o futuro enquanto as experiências que não foram vividas se acumulam num passado que, espera-se, possa ser recuperado e transformado em origem rumo a uma nova história.

Ainda é importante dizer que esse “resgate” do passado para se abrir ao novo só é possível através da rememoração e, por isso, tempo e memória assumem dimensões transformadoras na filosofia benjaminiana. Gagnebin (1994, p.84) analisa que ao expor memórias de sua infância em fragmentos e de forma alegórica, Benjamin é fundador de uma forma de reflexão, a “rememoração aberta”, essencial para pensar a prática histórica. A autora destaca que, para Benjamin, a vida singular só adquire sentido no pano de fundo de uma “experiência histórica” que possa entrelaçar a memória pessoal e coletiva. Daí a importância das narrativas como forma de intercambiar experiências e recorrer à memória para reconstituir o passado de forma crítica no presente. É por meio da rememoração que a infância é ressignificada na vida adulta.

No entanto, Benjamin (1994) lembra que na modernidade, a narrativa entre em extinção porque a experiência, aquilo que revela a implicação com o que se vive e com o outro, é transformada em vivências, um acúmulo de “choques” da vida cotidiana. O que é narrado só se configura como experiência à medida em que faz sentido para quem conta e para quem ouve e é essa dimensão coletiva na narrativa que se perde na distância que as pessoas mantêm hoje uma das outras.

Para Kramer (2007, p.17-18), os conceitos de infância, narrativa e experiência fornecem elementos para pensar a questão da autoridade entre crianças e adultos, pautando-se no pressuposto de que o que dá autoridade é a experiência e lembra da passagem em que Benjamin destaca como a narração do vivido pelo moribundo, à beira



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

da morte, torna-se infinita através da linguagem. A partir dessa análise, Kramer (2007) alerta para os desafios das relações contemporâneas entre crianças e adultos, constatando a ausência no lugar da autoridade que os mais velhos deveriam ocupar.

História, infância, origem, ruína, experiência, narrativa – heranças de Benjamin que ajudam a perceber que a criança contém em germe a experiência essencial do homem, do seu desajustamento em relação ao mundo. É pela experiência de sua não-sabedoria que a criança desencanta o mundo da razão e se oferece como crítica à noção de progresso. Ao brincar, a criança exercita aquilo que é específico de sua condição infantil, o poder de imaginação, a fantasia, a criação, estabelece novas relações e combinações diferentes daquelas “engessadas” na cultura do adulto. Se há um desencontro entre crianças e adultos, é preciso pensar como que de uma relação em ruínas, pode saltar a origem para diálogo, para a alteridade.

Em vários textos e fragmentos, Benjamin (1987) mostra-se avesso ao adultocentrismo, condenando o autoritarismo dos mais velhos forjados numa concepção de adulto como ser experiente, formado e acabado.

O CORCUNDINHA. (...) O corcundinha era da mesma espécie. Contudo não se aproximou de mim. Só hoje sei como se chamava. Minha mãe me revelou seu nome sem que o soubesse. “Sem jeito mandou lembranças” era o que sempre me dizia quando eu quebrava ou deixava cair alguma coisa. E agora entendo do que falava. Falava do corcundinha que havia me olhado. Aquele que é olhado pelo corcundinha não sabe prestar atenção nem a si mesmo nem ao corcundinha. Encontra-se sobressaltado em frente a uma pilha de cacos: “Quando a sopinha quero tomar/É a cozinha que vou,/Lá encontro um corcundinha/ Que minha tigela quebrou” (...). (p. 141-142)

Em sua crítica, o filósofo também faz referência às práticas escolares mais especificamente, repudiando o pedantismo presente na dominação e didatização dos pedagogos.

A ESCRIVANINHA... Era com prazer que revia velhos cadernos, dotados agora de um valor especial, que era o de eu tê-los resgatado do domínio do professor, que teria direito sobre eles. Agora deixava o olhar recair sobre as correções ali registradas em tinta vermelha, e um prazer sereno me tomava. Pois, assim, como os nomes dos mortos gravados nas sepulturas já não podem ser úteis ou prejudiciais, ali estavam notas que haviam entregado todo o seu poder a outras mais antigas. Com outro espírito e com a consciência mais tranqüila eu podia perder horas na escrivaninha tratando dos cadernos e dos livros escolares (...). (Benjamin, 1987, p.119-120)



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Nesses fragmentos, Benjamin lembra do filho e do aluno que fora o menino Walter. Ora remete a contextos familiares, ora se recorda da escola. Assim, mais do que suscitar questões sobre a infância numa sociedade adultocêntrica, as memórias de Benjamin permitem também questionar a noção de infância que parece indissociável dos lugares que ocupa na Família e na Escola, instituições que a engendraram na Modernidade e que desde então a definem. A criança está concebida de forma tão intrínseca a partir dessas instituições, que nos resta aprisioná-la nessa relação ou aceitar o desvio benjaminiano como convite e ressignificar a infância e o lugar social que ocupa na história da humanidade.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *A Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Obras escolhidas II: Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *El Berlim demónico – relatos radiofônicos*. Barcelona: Içaria, 1987a.

_____. *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. A criança no limiar do labirinto. In: _____. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. Infância e Pensamento. In: _____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

KONDER, Leandro. *O novo e o velho*. In: O Globo, Rio de Janeiro, 27 maio 1995.

KRAMER, Sônia. Pesquisando Infância e Educação: um encontro com Walter Benjamin. In: Kramer, Sônia e Leite, Maria Isabel (orgs.). *Infância: fios e desafios da pesquisa*. 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001

PEREIRA, Rita e JOBIM e SOUZA, Solange. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In: KRAMER Sonia e LEITE, Maria Isabel (orgs.). *Infância e Produção Cultural*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

SARLO, Beatriz. *Cenas da Vida Pós-Moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997a.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina